

## Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa — Uma História em Curso

Ana Mafalda Leite

A disciplina anual de *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* foi tornada disciplina curricular obrigatória, apesar de já existir como opção na Faculdade de Letras de Lisboa e nas Faculdades de Letras portuguesas desde a Reforma dos Cursos de Línguas e Literaturas Modernas oficializada pelo decreto nº53/78.

Por seu turno, as disciplinas de *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa I* (anual) e *II* (semestral) foram contempladas no curriculum da Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses, como disciplinas obrigatórias—e como opção para os outros cursos de L.L.M., por decreto do Governo nº75/84 de 27 de Novembro.

A primeira Universidade a introduzir a leccionação desta disciplina foi a de Lisboa tendo Manuel Ferreira inaugurado na Faculdade de Letras o ensino desta área literária em 1975. Posteriormente, a cadeira foi introduzida por Salvato Trigo na Universidade do Porto no ano lectivo de 1976-77. Mário António F. de Oliveira iniciou pouco depois a docência da disciplina na Universidade Nova de Lisboa. Por seu turno, a Universidade de Coimbra foi o quarto estabelecimento de ensino universitário a instituir a disciplina em 1980-81.<sup>1</sup>

Coube-nos acompanhar de perto o crescimento gradual de uma cadeira, primitivamente opcional, com média de oito a quinze alunos, até ao momento de instituição da sua obrigatoriedade curricular em Estudos Portugueses contemplando, em conjunto com a Literatura Brasileira,<sup>2</sup> novas áreas literárias da língua portuguesa.

Não deixa de ser importante fazer esta análise retrospectiva, quando hoje leccionamos duas turmas de *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa I*, com média de quarenta estudantes em cada uma delas. No entanto, o progre-

ssivo crescimento desta área curricular não trouxe ainda todas as modificações e condições necessárias, por motivos que mais adiante vamos passar a expôr, para uma prática de ensino que possibilite verdadeiramente colocar em paralelo a sua prática com a de uma outra literatura, com maior longevidade e tradição de ensino como, por exemplo, a portuguesa ou a francesa.

Saliente-se que a expressão “*literaturas emergentes*”<sup>3</sup> ganha todo o sentido neste quadro prospectivo de instituição curricular e prática docente se tomarmos em linha de conta que até 1974—passaram, entretanto, vinte e quatro anos—esta área era integrada na “literatura ultramarina” e amalgamava produções literárias, oriundas das então diversas colónias portuguesas. O primeiro prémio atribuído a um autor africano de língua portuguesa - ao angolano Luandino Vieira com a sua obra *Luuanda* em 1964—, foi da iniciativa de uma instituição literária portuguesa, a Sociedade Portuguesa de Autores.

Quando em 1975, na Universidade Eduardo Mondlane em Moçambique, - que então frequentava como estudante do segundo ano—, se iniciou a revisão curricular, os estudos críticos da literatura moçambicana e o conhecimento desta literatura, enquanto tal, estavam praticamente no seu início.<sup>4</sup>

Significa então que a prática docente da nossa área se iniciou quase em simultâneo ao próprio processo de reflexão crítica e teórica sobre as cinco novas literaturas, ligadas a Portugal pela história da colonização portuguesa e por muitos outros laços culturais e humanos resultantes desse facto. Os primeiros elementos de trabalho para o ensino destas literaturas, ou seja, grande parte dos textos literários e das obras mais significativas, começam, também, apenas a partir desse momento, a ser editados.

Há por assim dizer uma situação de quase “novidade” absoluta e de criação progressiva, tanto no campo editorial como no do ensino, da instrumentação necessária—a bibliografia activa<sup>5</sup> e a bibliografia passiva—para o conhecimento, estudo e ensino das cinco novas literaturas africanas de expressão portuguesa. Semelhante situação, por paradoxal que possa parecer, é, no entanto, aquela que acompanhamos e praticamos desde o início da nossa actividade docente.

Não deixa de ser relevante, por exemplo, salientar alguma interferência ideológica e política nos primeiros anos de ensino destas matérias. E também uma certa indefinição sobre o estatuto literário ou não literário de certas obras, fruto de circunstancialismos históricos, como é o caso, por exemplo, da produção escrita e designada por “literatura de combate.” A necessidade e a urgência em criar e instituir o “corpus” literário destas novas literaturas, de

o institucionalizar, levou, naturalmente, durante os primeiros anos, a uma certa indefinição do “literário” no âmbito destas disciplinas.<sup>6</sup>

É no entanto de um esforço concertado entre a prática editorial, a prática docente e a investigação universitária—que privilegia o estudo das obras enquanto matéria literária, situando-as na rede comparada das literaturas de língua portuguesa e africanas em outras línguas—que vão surgir alguns dos elementos bibliográficos fundamentais para o actual ensino das literaturas africanas.

Coube-nos a honra e a dificuldade, em conjunto com outros colegas,<sup>7</sup> de fazermos as primeiras dissertações, as pesquisas, de leccionarmos e participarmos em projectos editoriais, desenvolvendo simultaneamente actividade crítica. Conscientes de que da seriedade do nosso trabalho resultaria uma parte da seriedade e da dignificação de uma área de estudos literários, a das literaturas africanas de língua portuguesa.

#### **Questões relativas ao ensino da disciplina de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**

Os países africanos de expressão portuguesa não têm em Portugal as suas literaturas contempladas nos currículos obrigatórios do Ensino Secundário. Tal facto não confere ao aluno, que se matricula em Línguas e Literaturas Modernas, a possibilidade de um conhecimento e informação básicos, que entrem num quadro de uma preparação geral mais ou menos consolidada, capaz de criar um horizonte de apetência e compreensão significativos.

A situação mais ou menos generalizada do aluno que se matricula no segundo ano do Curso de Estudos Portugueses na cadeira de *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa I* é a de um relativo desconhecimento não só das literaturas africanas, como da realidade africana em geral. A primeira dificuldade começa em situar geograficamente os países; a segunda em relembrar, ou saber, com precisão, a conexão histórica de Portugal com aqueles países, nomeadamente o conhecimento da história da colonização, os momentos mais decisivos que tiveram lugar no século passado com a ocupação territorial, ou os principais acontecimentos que levaram ao início da guerra colonial e da luta armada de libertação. Esta falta de elementos, relativa a uma cronologia histórica recente, torna-se patente em relação a outras informações sobre a África pré-colonial.

Tendo em conta esta situação que tende a agravar-se no decorrer dos anos, porque as gerações mais novas perderam o contacto<sup>8</sup> que, antes, possuíam através de familiares ou da experiência de amigos que tinham estado em

África, torna-se necessário ao docente fazer uma introdução a vários aspectos relativos à cultura e história africanas, de modo a poder contextualizar as especificidades destas áreas literárias e de modo a permitir a leitura analítica de heranças e tradições culturais, referências históricas, que os textos literários africanos trazem em si inscritas.

Por outro lado, a designação curricular da disciplina *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*—que tem sido questionada pelo uso do termo “expressão”<sup>9</sup>—, abrange, numa indiferenciada totalidade, cinco diferentes literaturas que, apesar de um elo comum de colonização histórica, têm percursos individualizados, a maioria delas desde meados do século XIX.

A constatação deste facto permite salientar que o estudo rigoroso de três destas literaturas, as mais significativas em produção literária e antiguidade, como é o caso da Literatura Angolana, da Literatura Caboverdiana e da Literatura Moçambicana, exigiria a sua autonomização disciplinar. Jacinto do Prado Coelho em *A Originalidade da Literatura Portuguesa* afirma que “A vinculação da literatura à nacionalidade é que nos obriga a reconhecer como sistemas autónomos, apesar de servidos pela mesma língua, literaturas como a portuguesa, a brasileira, a angolana, a moçambicana, a caboverdiana, e a procurar nos temas, nas formas, no estilo de cada uma delas, as marcas distintivas duma experiência colectiva única.”<sup>10</sup>

Curricularmente isso já acontece nas Universidades ou instituições superiores dos países africanos de língua portuguesa, como é o caso da Universidade Eduardo Mondlane ou da Universidade Pedagógica,<sup>11</sup> em Moçambique, onde é oferecida a disciplina de *Literatura Moçambicana*, e ainda no Instituto Superior de Educação da Praia, em Cabo Verde, onde a *Literatura Caboverdiana* funciona como disciplina curricular, independentemente da cadeira de *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*.

O natural comentário que suscitam estas observações é o de que tal facto acontece porque no país de origem a literatura nacional forçosamente teria de constituir objecto de pesquisa e de ensino individualizados. Todavia, parece-nos argumento insuficiente para continuar a legitimar a existência de uma cadeira com uma designação—e um *corpus*—ainda marcados, quer queiramos quer não, pelo signo da colonialidade e pela tradição imperial.<sup>12</sup>

Semelhante reflexão não tem qualquer intuito anti-institucional ou polémico. Resulta da nossa prática de ensino ao longo destes últimos dez anos de uma disciplina que comporta uma complexidade de informação relativa a diferentes áreas do saber —antropologia, etnologia, história, literatura oral,

teoria literária, literatura comparada, literaturas africanas em outras línguas— ao mesmo tempo que acumula, num mesmo tronco comum, cinco diferentes literaturas com processos individualizantes muito marcados.<sup>13</sup> Nomeadamente, juntam-se nas *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* três literaturas continentais (a angolana, a guineense e a moçambicana) a par de duas insulares (a caboverdiana e a santomense) cujas origens e desenvolvimento, por razões de ordem histórica e cultural, são distintas e específicas.

### Textos fundamentais não editados em livro e ausência de bibliografias sistematizadas

Outro dos aspectos que se torna problemático na docência da disciplina de *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* tem a ver com o a dificuldade de acesso aos materiais necessários para a sua leccionação, ou seja, mais concretamente, em conseguir os textos literários fundamentais para o ensino.

Se por um lado uma das justificações que promove o ensino conjunto destas Literaturas passa pelo vínculo comum à colonização, à praxis colonial e ao modo de exercício dessa praxis, por outro é esse mesmo passado que de certo modo explica a ausência editorial destas cinco literaturas. É facto admitido que o colonialismo não favoreceu ou incrementou o desenvolvimento editorial das literaturas africanas. Se, por um lado, o próprio sistema teve necessidade de implantar nas então colónias, em meados do século passado, a imprensa e, mais tardiamente, o ensino liceal<sup>14</sup> e quase apenas no fim da época colonial, o ensino universitário, factores que contribuiriam para o desenvolvimento das literaturas africanas, por outro, a acção da censura, que ganha uma latitude extremada em especial a partir da década de sessenta—altura em que começa a guerra colonial—, contribui exactamente para o efeito inverso.

A situação editorial em Portugal das literaturas africanas de expressão portuguesa até 1974, ano da revolução portuguesa, resume-se praticamente a uma actividade quase clandestina e de difícil acesso no mercado editorial ao leitor interessado. Para além das publicações da Casa dos Estudantes do Império, em edições limitadas e quase familiares, de antologias e de algumas obras de autores também promovidas pela C.E.I., o panorama editorial não seria realmente aliciante para quem quisesse conhecer ou investigar estas áreas literárias. Alfredo Margarido que teve papel importante neste processo editorial da C.E.I publicou vários ensaios e artigos que, no entanto, só vieram a ser editados em livro já em 1980<sup>15</sup>.

Em relação à bibliografia passiva, os dois volumes de Hernani Cidade, *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina*,<sup>16</sup> publicados em 1963 e

1964, o primeiro dedicado aos séculos XV e XVI e o segundo aos séculos XVII e XVIII, não chegam sequer a tocar no assunto, dada a limitação cronológica por um lado, e por outro os objectivos do trabalho, relacionados em especial com a literatura portuguesa.

Outra obra, de cariz diferente, da autoria de Amândio César, *Parágrafos de Literatura Ultramarina*, publicada em 1967, é uma obra marcada politicamente pela época, que reúne artigos vários, em registo mais ou menos jornalístico, e com intuítos críticos apoloéticos. Também de Amândio César são as antologias do conto ultramarino publicadas em 1969.<sup>17</sup> O enquadramento ideológico da época não permitiu a realização de trabalhos consequentes na área da historiografia, da ensaística e da crítica literárias.<sup>18</sup>

Os trabalhos mais interessantes, publicados em grande parte pela Agência Geral das Colónias, ou em edições ligadas à Igreja, situam-se no domínio da literatura oral e dos estudos antropológicos, ou em outras áreas que não têm a ver com este nosso trabalho. O artigo “Ultramar na Literatura Portuguesa,” incluído no *Dicionário de Literatura* — dirigido por Jacinto do Prado Coelho<sup>19</sup>—com dois artigos assinados por José Osório de Oliveira e João Pedro de Andrade, inclui uma bibliografia de praticamente todas as obras editadas em Portugal e nas então colónias sobre a literatura designada nessa época por “ultramarina” e tem a utilidade de nos mostrar a incipiência crítica e ensaística sobre as obras dos autores africanos e, ao mesmo tempo, a escassez editorial de obras literárias.

Após as independências e no pós 25 de Abril houve um esforço significativo no sentido de dar a conhecer, via edição, estas novas literaturas. A prática mais comum e quase imediata foi a edição de antologias, tendo Manuel Ferreira desempenhado um papel importante neste campo ao promover a edição dos *Caliban*.<sup>2</sup> Mário Pinto de Andrade por seu turno fez publicar em 1975 as Antologias Temáticas de poesia africana de expressão portuguesa.<sup>21</sup>

Em 1977, as Edições 70 promovem a edição da tese de doutoramento de Russell Hamilton que é a primeira tentativa historiográfica literária acerca das literaturas africanas; é essa mesma editora que, com a participação da União dos Escritores Angolanos—de que era Presidente na altura José Luandino Vieira—, faz a edição de uma parte significativa das obras literárias de autores angolanos, permitindo a reedição de obras do século XIX como, por exemplo, *Espontaneidades da Minha Alma* de José da Silva Maia Ferreira e *Nga Mutiri* de Alfredo Troni, com estudos introdutórios de especialistas como Gerald Moser e Mário António de Oliveira. No início da década de oitenta é tam-

bém criada uma colecção de Autores Moçambicanos pelas Edições 70, mas que não chega a ultrapassar os dez títulos.

Manuel Ferreira funda, entretanto, uma editora, África Editora, mais tarde ALAC, que promove a publicação de uma revista, *África*—dedicada ao estudo das literaturas africanas—e de livros de alguns autores africanos, bem como uma colecção denominada “Para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa.” Devido em parte à sua prática docente universitária Manuel Ferreira estava consciente da urgente necessidade de material bibliográfico, nomeadamente da edição e da reedição de obras literárias, fundamentais para serem incluídas nas bibliografias dos programas e poderem ser lidos os textos, a matéria prima, tal como da edição de obras ensaísticas que pudessem acompanhar o estudo das obras literárias. É na sequência destas preocupações que surge, em 1983, a primeira Bibliografia (bilingue, em português e inglês) das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, organizada em conjunto por Manuel Ferreira e Gerald Moser.<sup>22</sup>

A primeira tese de doutoramento em *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* é apresentada na Faculdade de Letras do Porto em 1980, sobre a obra de Luandino Vieira, por Salvato Trigo, e este trabalho pioneiro, teoricamente fundamentado e abrindo pistas bibliográficas para diversificadas áreas de estudos africanos (oratura, linguística, antropologia, história), inaugura uma nova fase de reflexão sobre as literaturas africanas.

Nesse ano inicia-se na Faculdade de Letras de Lisboa o primeiro Mestrado em “Literaturas Brasileira e Africanas de Língua Portuguesa,” organizado por Fernando Cristóvão e Manuel Ferreira—que eu frequentei como aluna—e surgem a partir de 1984 as primeiras teses de Mestrado na área,<sup>23</sup> que irão constituir alguns dos alicerces teóricos e bases de reflexão mais aprofundada sobre as literaturas nacionais. É também no decorrer da década de oitenta que são organizados alguns dos colóquios internacionais mais significativos sobre a área de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa e as Actas resultantes vieram a tornar-se documentos bibliográficos indispensáveis.<sup>24</sup>

Apesar de nos últimos anos haver uma maior diversificação na edição das obras de autores africanos, muito do material necessário continua por editar e algumas das antologias e estudos de enquadramento destas literaturas esgotaram e não voltaram a ser reeditadas.<sup>25</sup> Semelhante situação é limitativa para quem, como nós, necessita de material bibliográfico abrangente para leccionar uma cadeira como a de *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*.

Dado o seu carácter introdutório, a disciplina que visa abranger as

literaturas africanas desde o seu nascimento até à fase das independências e ainda fazer uma amostragem dos novos rumos das literaturas nacionais. Por tal motivo tem de recorrer a diversificada utilização de obras literárias e de suporte teórico bibliográfico e, muitas dessas obras não existem no mercado, algumas nunca chegaram a ser sequer editadas, como é o caso da poesia de Rui de Noronha,<sup>26</sup> da poesia de Noémia de Sousa em Moçambique, dos textos de Pedro Cardoso ou de outros escritores caboverdianos do século XIX, e de diversos escritores angolanos do século passado.

### Ausência de Histórias das Literaturas Nacionais

“L’histoire de la littérature c’est un objet essentiellement scolaire, qui n’existe précisément que par son enseignement” (R. Barthes) <sup>27</sup>

Roland Barthes dá uma resposta peremptória à questão sobre as razões da escrita e da existência das histórias da literatura. São obras que servem o ensino e a história literária, e antes do mais um utensílio de ensino, um meio de transmissão de conhecimentos que tem utilidade pedagógica.<sup>28</sup>

Os sistemas de ensino são uma das instâncias importantes na validação institucional da literatura. A escolaridade obrigatória criou expectativas de uma integração cultural, em que a leitura supostamente deve ocupar lugar de destaque. A essa escolaridade é inerente uma preocupação com o ensino da língua, que se apoia com frequência na literatura, na medida em que nela procura textos que se consideram como linguisticamente exemplares e também representativos de uma identidade cultural que se pretende apurar.

Esta questão prende-se com uma outra que é a do “cânone.” Em termos genéricos o cânone pode definir-se como “elenco de autores e obras incluídos em cursos básicos e cursos de literaturas, por se acreditar que representam o legado cultural de um país.”<sup>29</sup> Nesta medida, os programas escolares e universitários são documentos com força normativa e testemunhos de uma consciência cultural e nacional que procura afirmar-se como legítima.<sup>30</sup>

A este respeito afirma Jacques Dubois: “*On dit que la littérature était ce qui s’enseignait. Disons tout au moins qu’elle est ce qui s’enseigne comme littérature. C’est l’école qui contribue le plus fortement à intégrer les pratiques littéraires dans un ensemble de normes. A cet égard, elle fait un peu plus que conserver et que célébrer les oeuvres du passé, car elle les introduit dans la logique d’un système qui projette nécessairement ses principes et ses catégories sur les productions du présent (...).*”<sup>31</sup>

As histórias literárias, as antologias, os manuais de ensino da literatura, os livros de ensaio literário e de divulgação crítica, como revistas de especialidade, são elementos fundamentais que estabelecem a continuidade e a herança de uma tradição. Também a formação de ordem pedagógica é reprodutora de uma certa ordem social e cultural e contribui para promover a instituição da literatura e do cânone. O cânone permite também a formação do gosto literário, o seu apuramento, pluralização e naturalmente a sua questionação.

No caso do ensino das literaturas africanas de expressão portuguesa estas questões são ainda problemáticas. Nos países africanos de língua portuguesa, os manuais escolares passaram por várias fases de elaboração, e inclusivé de clara feição e comprometimento ideológicos, e estarão ainda longe, porventura, de poder oferecer bases seguras para o estabelecimento de um cânone. Por outro lado, não existe ainda a pesquisa e o suporte historiográfico literário necessários para uma selecção definitiva, ainda que a transitoriedade do material bibliográfico existente possa servir de solução temporária.

Com aproximadamente um século e meio de existência, as literaturas africanas de expressão portuguesa encontram-se, de certo modo, ainda numa fase de instituição. Faltam-nos as histórias das literaturas nacionais e grande parte da investigação necessária para a sua concretização, nomeadamente no que diz respeito ao século passado. Faltam-nos ainda as antologias actualizadas<sup>32</sup> e a edição de obras de autores, a sistematização e ordenação cronológica consequente, o enquadramento histórico simultâneo, de modo ao investigador poder entender uma evolução literária e ordenar os factores constituintes de uma periodologia.

Da bibliografia mais recente respeitante à área historiográfica há a salientar a publicação do manual de *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* da autoria de Pires Laranjeira, com a colaboração restrita para os temas pontuais de Cabo Verde de Elsa Rodrigues dos Santos e para a Literatura Santomense de Inocência Mata. Apesar do esforço que este trabalho representa e da sua utilidade como apoio bibliográfico—uma vez que procura dar “uma visão panorâmica, nos capítulos introdutórios a cada país, de tipo cronológico, didáctico; de apresentação de aspectos gerais e particulares (história literária, escritores, obras, temas), nos capítulos que não analisam uma obra de leitura obrigatória”<sup>33</sup>—, não é ainda este o caminho para se ultrapassarem os vazios de investigação literária historiográfica. Com efeito, parece-nos que este trabalho de certo modo mantém a tradição

”imperial” da abrangência de um conhecimento das cinco literaturas que, no momento actual, para a sua efectiva e capaz realização, necessita da colaboração de especialistas de várias áreas (história, literatura oral, antropologia), e nomeadamente de equipas de investigadores para cada uma das literaturas.

Clément Moisan na sua obra *Qu'est-ce que l'histoire littéraire?* explica-nos que “l'histoire littéraire est de plus en plus l'affaire des chercheurs (universitaires) qui sont des spécialistes de périodes de plus en plus restreintes dans le temps de l'histoire et des théoriciens appartenant à toutes sortes de disciplines littéraires et non littéraires.”<sup>34</sup>

Também a publicação do livro *The Postcolonial Literature of Lusophone Africa*, outro elemento bibliográfico recentemente publicado,<sup>35</sup> vem apenas sistematizar a produção literária e a bibliografia produzida nas diferentes literaturas nacionais desde as independências até 1994.

O século XIX está ainda a ser campo de pesquisa e de investigação na Literatura Caboverdiana. Arnaldo França no seu artigo “Panorama da Literatura Caboverdiana”<sup>36</sup> assinala uma diversidade de autores e obras que permitirão redefinir a periodologia e a prospecção da herança literária deste século, com o surgimento do movimento da “Claridade,” em 1936. No caso da Literatura Moçambicana a situação é relativamente idêntica. Após pesquisa de Ilídio Rocha,<sup>37</sup> que anunciou e situou a existência do primeiro poeta moçambicano, e através de pistas dadas pelo historiador António Sopa, Manuel Ferreira publicou um importante trabalho de pesquisa em que trouxe novos dados bibliográficos sobre o escritor pioneiro Campos de Oliveira,<sup>38</sup> que viveu em meados do século passado em Moçambique. No intervalo que vai da sua existência até ao princípio deste século, as informações são inconclusas ainda não suficientemente documentadas. Embora se saiba que há material literário por desbravar, e pesquisa aturada a fazer, a fim de se repôr um enquadramento cronológico do surgimento desta literatura, ainda não foi realizada.<sup>39</sup>

A situação é apesar de tudo diferente no caso da Literatura Angolana, havendo mais material disponível, não só no campo editorial, como também na área ensaística—e saliente-se o papel fundamental da obra historiográfica de Mário António Fernandes de Oliveira<sup>40</sup>—, em *Introduções e Roteiros da Literatura*,<sup>41</sup> e ainda com a contribuição de importantes trabalhos vindos da área da História, nomeadamente da autoria de Carlos Pacheco,<sup>42</sup> que situam o surgimento da primeira obra literária publicada em Angola, *Espontaneidades da Minha Alma—Álbum dedicado às Senhoras Africanas*, de José da Silva Maia Ferreira

Outros ensaios da sua autoria como o artigo, “Leituras e Bibliotecas em Angola na primeira metade do século XIX”<sup>43</sup> permitem situar os elos entre o surgimento da literatura e os condicionalismos culturais da sociedade angolana da época, mas não estão ainda, no entanto, suficientemente delineados todos os percursos. Saliente-se a respeito do caso da história literária angolana, o artigo de Alberto de Carvalho “A propósito de uma Historiografia Angolana,”<sup>44</sup> em que se problematizam alguns dos trabalhos feitos neste domínio.

Para uma avaliação mais ou menos correcta das novas gerações literárias é fundamental a prospecção do passado e da herança recebida, aceite ou não, valorizada ou não. Como nos ensina Jacques Dubois: “*Il n’est pas de texte qui ne se compose en référence à une tradition et à une norme, reproduisant ainsi un grand Texte. De plus, le produit d’écriture ne prend sa réalité et son sens qu’à partir du moment où il est reçu, lu et parlé, même si c’est par un groupe restreint. Sous ces deux aspects déjà, la création cesse d’apparaître comme l’affaire d’un seul.*”<sup>45</sup>

A especificidade de cada uma das literaturas nacionais radica também nessa memória, por enquanto ainda só parcialmente visível, do século XIX. Por outro lado, o surgimento das literaturas africanas é em simultâneo momento de (in)definição e de partilha com a literatura do país colonizador; verificar as épocas em que as fronteiras ainda se tocam, ou a partilha simultânea de autores por duas literaturas,<sup>46</sup> ou ainda as relações aparentemente disjuntivas e ao mesmo tempo, em certos casos, mais fluidas, entre o desabrochar da ficção africana e o desenvolvimento da literatura colonial, são aspectos que é necessário desenvolver teoricamente e prospectar com a maior seriedade e rigor em cada uma das literaturas nacionais.

## Notas

<sup>1</sup> A Universidade de Évora iniciou a actividade da cadeira no ano lectivo de 1988-89; a Universidade do Minho em 1990-91; a Universidade Católica de Braga em 1993-94; e a Universidade Católica de Lisboa em 1996-97.

<sup>2</sup> Fernando Cristóvão foi um dos professores que mais se empenhou pela proposta de revisão curricular de Estudos Portugueses, tendo em vista a revalorização da literatura brasileira, mas em simultâneo atento à necessidade de desenvolver os estudos literários africanos. Cf. “Seis sugestões para um intercâmbio a haver” in *II Congresso dos Escritores Portugueses* (Lisboa: Associação Portuguesa de Escritores, 1982) 175.

<sup>3</sup> Cf. Salvato Trigo, “A Emergência das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa e a Literatura Brasileira,” in *Ensaio de Literatura Comparada Afro-Luso-Brasileira* (Lisboa: Vega, 1990).

<sup>4</sup> Algumas das publicações críticas mais significativas como, por exemplo, a publicação da revista *Caliban* teve lugar entre 1971 e 72, o volume *Poesia de Moçambique* (com ensaios sobre

a poesia de Rui Knopfli, Grabato Dias e José Craveirinha) e *A Crónica dos Anos da Peste* de Eugénio Lisboa foram publicados apenas em 1973; por seu turno a publicação de *Karingana Wa Karingana* de José Craveirinha, por exemplo, teve lugar apenas em 1974. A revisão curricular e a actualização dos programas da Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane iniciou-se em 1974, mas apenas em 1978 a disciplina de *Literaturas Africanas* passa a fazer parte da licenciatura em Linguística.

<sup>5</sup> As antologias poéticas—reveladoras dos autores e fazendo uma amostragem dos seus textos—, acerca dos cinco países começam a ser editadas a partir de 1975.

<sup>6</sup> Leia-se a este respeito, e sobre a literatura moçambicana, o artigo de Luís Bernardo Honwana,

“Papel, lugar e função do escritor” in *Tempo*, 22-11-81: “O pronunciamento da poesia de circunstância, justificado pela sua carga de libertação, pela sua função catártica, enfim pelo seu interesse político, implicou o retraimento da Literatura Outra, de tal modo que à independência não correspondeu, como seria de esperar, um ressurgimento literário. E é facto que a erupção poética que se verificou desde o Governo de Transição apresenta inequívoco um componente de xenofobia que acrescentada à redefinição da nacionalidade de mitos escritores até há pouco tidos como moçambicanos, justifica um sentimento de suspeição em relação à literatura (...).”

<sup>7</sup> Manuel Ferreira introduziu o ensino das Literaturas Africanas na Universidade Portuguesa no pós 25 de Abril. Embora na prática tenha sido Mário António Fernandes de Oliveira que, tendo-se licenciado no antigo ISCSPU e tendo feito parte do núcleo de estudantes africanos desse Instituto, iniciou, o estudo destas literaturas, nomeadamente por via do ensaio. Salvato Trigo, no Porto, fez a primeira tese de doutoramento na área sobre a obra de Luandino Vieira e publicou vários ensaios importantes, nomeadamente sobre a literatura angolana. Na Universidade Eduardo Mondlane-Maputo, Maria de Lourdes Cortez inicia uma actividade importante na dinamização da Literatura Moçambicana; mais tarde Lourenço do Rosário, via Coimbra, realiza o doutoramento na área da Literatura Oral, e Fátima Mendonça pesquisa e publica o primeiro livro de estudos sobre a Literatura Moçambicana. Na Faculdade de Letras de Lisboa surge o primeiro núcleo significativo de investigadores e docentes da área: Alberto de Carvalho, Ana Mafalda Leite, Pires Laranjeira, Elsa Rodrigues dos Santos, Inocência Mata e Carlos Espírito Santo. No Brasil a área é introduzida pelos ensaios de Fernando Mourão na Universidade de S.Paulo e posteriormente pelos trabalhos de Maria Aparecida Santilli e de Benjamin Abdala Júnior. Saliente-se, também no Brasil, o papel fundamental desenvolvido pelo jornalista João Alves das Neves no jornal *O Estado de S.Paulo*. Nos Estados Unidos os estudos pioneiros de Gerald Moser e mais tarde de Russell Hamilton trouxeram importante reforço bibliográfico a esta área de estudos literários já no fim da década de sessenta, no entanto a tese de Hamilton só foi traduzida e actualizada em 1977.

<sup>8</sup> Com excepção evidentemente para os alunos africanos que frequentam a disciplina mas que são normalmente em número muito reduzido.

<sup>9</sup> Alfredo Margarido coloca à discussão esta designação em *As Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa* (Lisboa: A Regra do Jogo, 1980) 8-9. Ver também Manuel Ferreira, “Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa,” in *O Discurso no Percorso Africano I* (Lisboa: Plátano Editora, 1989) 29.

<sup>10</sup> Jacinto do Prado Coelho, *A Originalidade da Literatura Portuguesa* (Lisboa: Icalp, 1977) 12.

<sup>11</sup> Eu própria fui autora de um programa de Literatura Moçambicana para a docência que pratiquei da cadeira na Universidade Pedagógica em 1990. Soube, com alguma satisfação, o ano passado, que esse programa está na base da organização da cadeira.

<sup>12</sup> Lourenço do Rosário refere—a propósito da designação englobante de “Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa” que aparece nos planos das licenciaturas das universidades

portuguesas—“o carácter aparentemente aleatório de como se constituía o eventual corpus dessas literaturas siamesas não permitia vislumbrar senão a sua vinculação umbilical à herança colonial do ex-império recém desaparecido fisicamente, mas permanecendo nas mentes dos cidadãos, testemunhando que a proposta de ruptura, se foi consumada, ao nível político, com a constituição de tantos estados soberanos, na literatura, os passos eram ainda dados conforme o ritmo do passado recente, em que vislumbramos a permanência de uma certa ideia de unidade cultural resplandecente de um mesmo passado histórico.” in *Singularidades-Estudos Africanos* (Lisboa: Universidade Lusófona, 1997) 75.

<sup>13</sup> Há porventura soluções para orientar a organização da disciplina de outra maneira, sendo necessário, no entanto, incluir sempre a parte relativa às questões culturais introdutórias. No Departamento de Estudos Portugueses do King's College, em Londres, por exemplo, é oferecida aos alunos uma solução interessante em termos curriculares pela possibilidade de, semestralmente, optarem por uma destas três literaturas nacionais, que vão sendo oferecidas alternadamente

<sup>14</sup> Não está ainda realizada a investigação sistematizada acerca do papel do ensino nas então colónias portuguesas, embora haja bibliografia sobre assunto.

<sup>15</sup> Alfredo Margarido, *Estudos sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa* (Lisboa: A Regra do Jogo, 1980).

<sup>16</sup> Hernani Cidade, *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina, I e II* (Coimbra: Arménio Amado Editor, 1963 e 1964).

<sup>17</sup> Saliente-se que a designação de “literatura ultramarina” abrangia as produções literárias de todos os territórios ultramarinos, incluindo Goa, Macau e Timor, e não apenas as então colónias africanas. Amândio César, *Contos Portugueses do Ultramar* 1º e 2º volumes (Porto: Portucalense Editora, 1969). Uma anterior antologia tinha sido publicada por Forjaz Trigueiros (2 vols.) em 1962-63. Amândio César publicou ainda os *Novos Parágrafos de Literatura Ultramarina*.

<sup>18</sup> Com excepções para alguns ensaios, como por exemplo, os de Mário António F.Oliveira e os de Gabriel Mariano.

<sup>19</sup> “Ultramar na Literatura Portuguesa” in *Dicionário de Literatura* (Porto: Figueirinhas, 1978), 4ºvol, 3º ed.

<sup>20</sup> Mário Pinto de Andrade, *Antologia Temática da Poesia Africana I e II* (Lisboa: Sá da Costa, 1975).

<sup>21</sup> Russell Hamilton, *Literatura Africana Literatura Necessária I- Angola* (Lisboa: Edições 70, 1981); *Literatura Africana Literatura Necessária II- Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe* (Lisboa: Edições 70, 1983). Estas obras são resultado da escrita e alargamento da tese de doutoramento, originalmente publicada em 1975 (University of Minnesota) com o título *Voices from an Empire: A history of Afro-Portuguese Literature*.

<sup>22</sup> Gerald Moser e Manuel Ferreira, *Bibliografia das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* (Lisboa: INCM, 1983).

<sup>23</sup> Saliente-se as dissertações de Elsa Rodrigues dos Santos (Literatura Caboverdiana: Jorge Barbosa), Inocência Mata (Emergência da Literatura Santomense), Pires Laranjeira (Literatura Santomense: Francisco José Tenreiro) e de Ana Mafalda Leite (Literatura Moçambicana: José Craveirinha). Mais tarde, outras teses virão a surgir, também em outras Universidades, e gostaria de destacar na área da Literatura Moçambicana o valioso contributo das teses de Gilberto Matusse, Francisco Noa (U. Nova) e de Almiro Lobo (U. de Lisboa).

<sup>24</sup> Saliente-se em especial as publicações, de referência indispensável, resultantes dos três principais colóquios sobre esta área literária: AAVV, *X Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa I Colóquio Luso-Brasileiro de Professores Universitários de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, Lisboa, Instituto de Cultura Brasileira,

Universidade de Lisboa, 1984; AAVV, *Les Littératures Africaines de Langue Portugaise*, Actes du Colloque International, Paris, Centre Culturel Portugais, Fondation Calouste Gulbenkian, 1985; AAVV, *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, Lisboa, Acarte, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

<sup>25</sup> É o caso dos dois volumes *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* de Manuel Ferreira, editados pelo Icalp, dos volumes de Russell Hamilton, das Antologias Temáticas de Mário de Andrade, de algumas das antologias, organizadas por Manuel Ferreira, *No Reino de Caliban*.

<sup>26</sup> Cf. o artigo de Francisco Sousa Neves, "A poesia de Rui de Noronha" in *África*, nº1, Julho 1978.

<sup>27</sup> In Doubrovsky et Todorov, *L'Enseignement de la Littérature* (Paris: Plon, 1969) 170.

<sup>28</sup> Apesar de todas as questões teóricas levantadas nos últimos anos—cf. Clément Moisan, *Qu'est-ce que l'Histoire Littéraire?* (Paris: Puf, 1987) ou Marshall Brown (ed.), *The Uses of Literary History* (North Carolina: Duke University Press, 1995)—em torno do conceito de história da literatura e de história literária, na área de estudos literários africanos de expressão portuguesa é mais do que fundamental escrevê-las e publicá-las.

<sup>29</sup> In Carlos Reis, *O Conhecimento da Literatura* (Coimbra: Almedina, 1995) 71.

<sup>30</sup> Frank Kermode afirma a propósito do cânone que "quer pensemos nos cânones como susceptíveis de objecção, porque formados ao acaso, para servir uns interesses à custa de outros, quer suponhamos que os conteúdos dos cânones são intencionalmente escolhidos, não pode haver dúvida de que não encontrámos modo de ordenar o nosso pensamento acerca da história da literatura e da arte, sem o recurso a eles," Apud Carlos Reis, *O Conhecimento da Literatura* (Coimbra: Almedina, 1995) 73.

<sup>31</sup> Jacques Dubois, *L'Institution de La Littérature* (Bruxelles : Ed. Labor, 1983) 99.

<sup>32</sup> Não existe por exemplo no domínio da ficção africana de expressão portuguesa a publicação, em Portugal,—e que eu saiba também não nos países africanos—de nenhuma antologia desde 1972. Com efeito, foram da autoria de Amândio César as últimas antologias publicadas, designadas como sendo "do conto Ultramarino."

<sup>33</sup> Pires Laranjeira, *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* (Lisboa: Universidade Aberta, 1995) 17.

<sup>34</sup> Clément Moisan, *Qu'est-ce que l'histoire littéraire?* (Paris: PUF, 1987) 238.

<sup>35</sup> Patrick Chabal (ed.), *The Postcolonial Literature of Lusophone Africa* (London: Hurst, 1996). O livro pretende sistematizar a produção literária que teve lugar nas literaturas nacionais no período de 1975 a 94, e dar continuação ao trabalho de Russell Hamilton, que originalmente editado em língua inglesa, se deteve na época das independências. Está organizado pelas cinco literaturas nacionais, tendo sido distribuído o trabalho por cinco investigadores desta área de estudos: Moçambique-Patrick Chabal; Angola-Ana Mafalda Leite; Guiné-Biissau-Moema Parente Aguel; Cabo Verde-David Brookshaw; S.Tomé e Príncipe-Caroline Shaw. Esta obra está a ser traduzida e será editada em português com a actualização bibliográfica necessária.

<sup>36</sup> Arnaldo França, "Panorama da Literatura Caboverdiana," in *Vértice* nº55, Julho-Agosto 1993.

<sup>37</sup> Ilídio Rocha, "Sobre as origens de uma Literatura africana de expressão portuguesa: raízes e consciencialização" (1984) in *Les Littératures Africaines de Langue Portugaise* (Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985) (publ.) 407.

<sup>38</sup> Manuel Ferreira, *Campos de Oliveira—mancebo e trovador* (Lisboa: INCM, 1984).

<sup>39</sup> Saliente-se no entanto os trabalhos realizados por Fátima Mendonça, professora da Universidade Eduardo Mondlane, que têm contribuído para o esclarecimento e organização periodológica da literatura produzida neste século.

<sup>40</sup> Mário António Fernandes de Oliveira, *Reler África* (Coimbra: Instituto de Antropologia, 1990); Mário António Fernandes de Oliveira, *A Formação da Literatura Angolana (1851-1950)* (Lisboa: INCM, 1997).

<sup>41</sup> Carlos Ervedosa, *Roteiro da Literatura Angolana* (Luanda, União dos Escritores, 1979), 2ª ed.; Salvato Trigo, *Introdução à Literatura Angolana de Expressão Portuguesa* (Porto, Brasília Editora, 1977); Salvato Trigo, *A Poética da Geração da Mensagem* (Porto: Brasília Editora, 1979); Fernando Augusto Albuquerque Mourão, *A Sociedade Angolana através da Literatura* (São Paulo: Editora Ática, 1978); José Carlos Venâncio, *Uma Perspectiva Etnológica da Literatura Angolana* (Lisboa: Ulmeiro, 1987); José Carlos Venâncio, *Literatura versus Sociedade* (Lisboa: Veja, 1992); Costa Andrade, *Literatura Angolana (opiniões)* (Lisboa: Ed. 70, 1980).

<sup>42</sup> Carlos Pacheco, *José da Silva Maia Ferreira. O Homem e a sua Época* (Luanda: UEA, 1990); *José da Silva Maia Ferreira—novas achegas para a sua biografia* (Luanda: UEA, 1992); “O Nativismo na poesia de José da Silva Maia Ferreira” in *Nacionalismo e Regionalismo nas Literaturas Lusófonas* (Lisboa: Ed. Cosmos, 1997).

<sup>43</sup> Carlos Pacheco, “Leituras e Bibliotecas em Angola na primeira metade do século XIX,” in *Vértice* nº55, Julho-Agosto 1993.

<sup>44</sup> Alberto de Carvalho, “A Propósito de Uma Historiografia Angolana,” in *Vértice* nº55, Julho-Agosto 1993.

<sup>45</sup> Jacques Dubois, *L’Institution de La Littérature* (Bruxelles: Editions Labor, 1983) 81.

<sup>46</sup> Nas “Reflexões Preliminares” da *História da Literatura Portuguesa* da autoria de Óscar Lopes e António José Saraiva (17 ed.) os autores levantam vários problemas relativos aos contornos da nacionalidade literária, que se podem detectar também nas Literaturas Africanas e que nos parecem da maior pertinência: “(...) também se deve ter em conta: o critério da autonomia política nacional. Assim, apesar de o domínio linguístico português abranger o Brasil, não há dúvida que a literatura brasileira adquiriu características diferenciais, relacionadas com a progressiva diferenciação brasileira; e, como seria difícil, se não mesmo impossível, apontar uma divisória intrínseca, o mais razoável será deixar de incluir no nosso estudo da literatura portuguesa as obras de autoria brasileira posteriores à data da proclamação da independência desse país, embora a isso se oponha a intimidade de certas relações que chegam a pôr problemas de nacionalidade dos autores (caso de Gonçalves Crespo). Os autores radicados no Brasil anteriormente a essa data serão ainda objecto do nosso estudo; conquanto também julgemos legítimo encartá-los, a eles e até a obras de metropolitanos que viveram no Brasil (caso de Tomás António Gonzaga), sob o ponto de vista de formação da consciência nacional e literária brasileira. O mesmo acontece com a Literatura dos países africanos de língua oficial portuguesa, nos seus vários graus de autonomia cultural. É por razão semelhante que, ao tratarmos da escola trovadoresca de língua galaico-portuguesa, que deu os primeiros passos de diferenciação da nossa literatura escrita, nós incluímos autores de naturalidade não portuguesa, quer galegos como João Airas de Santiago, quer castelhanos como Afonso, o Sábio, cuja corte foi tão importante para essa escola” (1996: 12).